

festival internacional
SeixalJazz
2021

14_23 out

Auditório Municipal do Seixal

**23
4 ANOS**

**BILLY
HART
QUARTET**

**DIOGO
ALEXANDRE
BOCK
ENSEMBLE**

**L.U.M.E. –
LISBON
UNDERGROUND
MUSIC
ENSEMBLE**

**JOÃO
LENCASTRE'S
COMMUNION 3**

**SEAMUS
BLAKE
& JOE SANDERS
«INFINITY»**

**MELISSA
ALDANA
QUARTET**

**THE TRIO
FEATURING
TED NASH,
STEVE
CARDENAS
& BEN
ALLISON**

Bilhetes à venda
em ticketline.pt
e locais habituais

ÍNDICE

Introdução

Programa

Artistas

Espaços SeixalJazz

Bilheteira

Historial

Os cartazes SeixalJazz

FESTIVAL INTERNACIONAL SEIXALJAZZ

COMEMORA 25 ANOS

Em 2021, o Festival Internacional SeixalJazz celebra 25 anos e regressa, entre os dias 14 e 23 de outubro, ao Auditório Municipal do Fórum Cultural do Seixal, sempre às 22 horas. O baterista americano Billy Hart volta à sala do auditório, agora como líder e em quarteto, numa formação com a qual já gravou dois álbuns pela ECM Records e da qual fazem parte Mark Turner, Ethan Iverson e Ben Street. Para ver e ouvir, na primeira noite de jazz no Seixal, quinta-feira, dia 14. Diogo Alexandre Bock Ensemble é o projeto que se segue, sexta-feira, 15, e o exemplo perfeito do estado de evolução do jazz português, que nasce da exploração coletiva entre sete dos mais criativos músicos do panorama musical português. A primeira semana de concertos encerra no sábado, dia 16, com L.U.M.E. – Lisbon Underground Music Ensemble, que traz ao palco 15 instrumentistas músicos de jazz e música erudita, conduzidos pelo pianista Marco Barroso e pelo modelo clássico da *big band*, mas que ao mesmo tempo se demarca dos seus padrões mais convencionais.

A segunda semana do SeixalJazz arranca no dia 20, quarta-feira, com João Lencastre's Communion 3, um trio que irá trazer ao auditório as composições mais recentes do baterista João Lencastre, que terá ao seu lado Leo Genovese, no piano, e Drew Gress, no contrabaixo. Seamus Blake & Joe Sanders «Infinity» é o projeto que o saxofonista e compositor Seamus Blake, considerado um dos expoentes máximos do jazz da atualidade, traz ao palco do auditório, quinta-feira, 21, num regresso ao SeixalJazz, após 25 anos, quando esteve ao lado de John Scofield na primeira edição do festival. A noite de 22 está reservada à chilena Melissa Aldana, aclamada como uma das melhores saxofonistas contemporâneas e que no seu primeiro trabalho em quarteto, «Visions», estabelece como ponto de partida o legado dos artistas latinos que a antecederam.

The Trio Featuring Ted Nash, Steve Cardenas & Ben Allison é o coletivo americano que encerra a 22.ª edição do festival, no sábado, 23, inspirados pelo instrumentista de sopro e compositor Jimmy Giuffre e com dois álbuns editados, «Quiet Revolution», lançado em 2018, com selo da Sonic Camera e «Somewhere Else – West Side Story Songs, de 2019, editado pela Plastic Sax Records.

Os bilhetes estão à venda na rede Ticketline e na bilheteira do Fórum Cultural do Seixal. As entradas para cada espetáculo têm um custo de 12 euros, com desconto de 25 % para jovens até aos 25 anos, reformados e funcionários das autarquias do Seixal, e a assinatura para as sete noites custa 70 euros.

Para os que ainda não tiveram contacto com as propostas SeixalJazz 2021, já está disponível uma *playlist* no canal Deezer, bem como todas as informações nas redes sociais do festival: Facebook, Twitter, Flickr e Instagram.

2
3
4
5
AÑOS

festival internacional
SeixalJazz
2021

PROGRAMA

14 de outubro – quinta-feira – 22 h

BILLY HART QUARTET

15 de outubro – sexta-feira – 22 h

DIOGO ALEXANDRE BOCK ENSEMBLE

16 de outubro – sábado – 22 h

**L.U.M.E. – LISBON UNDERGROUND MUSIC
ENSEMBLE**

20 de outubro – quarta-feira – 22 h

JOÃO LENCASTRE'S COMMUNION 3

21 de outubro – quinta-feira – 22 h

**SEAMUS BLAKE & JOE SANDERS
«INFINITY»**

22 de outubro – sexta-feira – 22 h

MELISSA ALDANA QUARTET

23 de outubro – sábado – 22 h

**THE TRIO FEATURING TED NASH, STEVE
CARDENAS & BEN ALLISON**



BILLY HART QUARTET

14 de outubro, quinta-feira, 22 horas

Billy Hart – bateria

Ethan Iverson – piano

Mark Turner – saxofone

Ben Street – contrabaixo

William «Billy Hart» nasceu em Washington, nos Estados Unidos da América, e é um baterista e pedagogo lendário que tocou com alguns dos mais importantes músicos da história. Sendo um dos bateristas de jazz mais solicitados, a sua versatilidade permite-lhe tocar em diversos contextos musicais. Ao longo da sua carreira, gravou 12 álbuns em nome próprio e acompanhou outros músicos em mais de 600 gravações.

O pianista Ethan Iverson, oriundo do Wisconsin, nos Estados Unidos da América, desenvolveu diversos projetos ao longo dos últimos 20 anos. No final da década de 1990, envolveu-se de forma significativa na cena indie jazz juntamente com Bill McHenry, Jeff Williams, Reid Anderson, Kurt Rosenwinkel e Mark Turner.

Com uma carreira de 20 anos que abrange um vasto leque de experiências musicais, o saxofonista Mark Turner ocupa um lugar de destaque na comunidade do jazz. Com um timbre distintivo, capacidades de improvisação únicas e uma abordagem desafiante no que se refere à composição, ganhou uma importante reputação como um dos músicos mais originais e influentes do jazz.

Ben Street estudou no The New England Conservatory of Music, em Boston, nos Estados Unidos da América, com Miroslav Vitous. Em 1991, mudou-se para Nova Iorque. Realizou inúmeras digressões com diversos músicos internacionais como Danilo Perez, Kurt Rosenwinkel, Roswell Rudd, Lee Konitz, David Sanchez, James Moody, John Scofield, Joe Lovano, entre muitos outros.



DIOGO ALEXANDRE BOCK ENSEMBLE

15 de outubro, sexta-feira, 22 horas

Diogo Alexandre – bateria e composição

Tomás Marques – saxofone alto

João Mortágua – saxofone soprano

Paulo Bernardino – clarinete baixo

André Fernandes – guitarra

Xan Campos – piano

Demian Cabaud – contrabaixo

Diogo Alexandre Bock Ensemble nasce da exploração coletiva entre sete dos mais criativos músicos do panorama musical português. Tendo a sua génese no balanço entre o intelecto e a expressão, é dado ao grupo imenso espaço para o desenvolvimento de novas abordagens coletivas, diluindo as fronteiras entre a música escrita e improvisada. Trata-se de músicos que são levados ao seu limite por Alexandre, tendo de tocar com a precisão de um músico de câmara, bem como improvisar novas partes em tempo real. Esta fluidez e lirismo na performance, aliada à visceralidade e carácter impetuoso do grupo, torna improvável que este seja indiferente até à mais distante audiência.

Este é o culminar de um trabalho de vários anos e sintetiza as experiências de um músico que nos últimos anos foi galardoado com prestigiados prémios, como por exemplo o Prémio Jovens Músicos 2019 (RTP/Antena2), Músico Revelação 2020 (Prémio RTP/Festa do Jazz) e, recentemente, Artista Revelação 2021 (Jazz Logical).

Para dar corpo à música que escreveu, o baterista e compositor Diogo Alexandre procurou especificamente artistas com um forte balanço entre abstracionismo e racionalismo, para que o grupo não se limitasse apenas à expressão, mas sim ao misto de uma narrativa coerente e expressiva. Diogo Alexandre Bock Ensemble é o exemplo perfeito do estado de evolução do jazz português, hoje liberto de complexos e perfeitamente conectado como espaço europeu e mundial.



L.U.M.E. – LISBON UNDERGROUND MUSIC ENSEMBLE

16 de outubro, sábado, 22 horas

Marco Barroso – composição, direção e piano

Manuel Luís Cochofel – flauta

Paulo Bernardino – clarinete soprano

João Pedro Silva – saxofone soprano

Tomás Marques – saxofone alto

Gonçalo Prazeres – saxofone tenor

Gabriela Figueiredo – saxofone barítono

Gileno Santana, João Silva, Ricardo

Carvalho – trompetes

Rúben da Luz, Eduardo Lála, Mário

Vicente – trombones

Miguel Amado – baixo elétrico

Vicky Marques – bateria

L.U.M.E. – Lisbon Underground Music Ensemble, um projeto criado e dirigido por Marco Barroso, é um ensemble de 15 instrumentistas composto por músicos de jazz e música erudita, que se move entre as afinidades com o modelo clássico da *big band* e as reinterpretações e provocações que dele faz.

A música de Marco Barroso e do L.U.M.E. reconstrói a carga patrimonial do «bigbandismo», simultaneamente demarcando-se dos seus padrões mais convencionais e abrindo novas perspetivas estéticas, uma espécie de caleidoscópio de horizontes rasgados, numa permanente dúvida que suspende o pensamento.

Nascido em 2006, o grupo lançou em outubro de 2010 o seu primeiro álbum homónimo, pela editora JACC Records. «Xabregas 10», de 2016, é o segundo disco da banda, editado pela Clean Feed e considerado pela crítica nacional e internacional como um dos trabalhos mais originais e desafiantes dos últimos anos de uma formação com estas características.

Com lançamento oficial previsto para outubro de 2021, o terceiro disco de originais, «Las Californias», revela a efervescência criativa do ensemble que reúne 15 músicos em torno de uma mesma visão, «a procura por caminhos inesperados e improváveis na tensão constante entre composição e improvisação».

PARCEIRO INSTITUCIONAL



**REPÚBLICA
PORTUGUESA**

CULTURA



JOÃO LENCASTRE'S COMMUNION 3

20 de outubro, quarta-feira, 22 horas

João Lencastre – bateria
Leo Genovese – piano
Drew Gress – contrabaixo

O trio irá apresentar composições da autoria do baterista João Lencastre dos seus mais recentes trabalhos, «Movements in Freedom» e «Song(s) of Hope», ambos muito bem recebidos pela crítica, não só a nível nacional, mas também internacional.

Ao longo dos mais de 20 anos enquanto profissional, já teve por diversas vezes a oportunidade de tocar um pouco por todo o mundo, incluindo Nova Iorque, República Checa, Polónia, Panamá, Macau, Rússia, Alemanha, Brasil, Espanha, Amesterdão ou Inglaterra, acompanhado artistas de diferentes áreas musicais, de renome nacional e internacional como David Binney, Bill Carrothers, André Fernandes, Thomas Morgan, Jacob Sacks, Phil Grenadier, André Matos, Leo Genovese, Rodrigo Amado, entre outros. Tem oito discos editados em seu nome, todos eles muitos bem recebidos pela imprensa nacional e internacional, destacando-se críticas muito positivas em diferentes revistas, jornais e sites, como a *Modern Drummer*, *Jazz Times*, *Jazzwize*, *Ipsilon*, *Jazz.pt*, *All About Jazz*, *NYC Jazz Record*, entre muitas outras.

Leo Genovese afirmou-se nos últimos 10 anos como um dos pianistas mais versáteis e criativos da cena nova-iorquina, tendo vindo a acompanhar nomes como Esperanza Espalding, Joe Lovano, Jack de Johnette, Noah Preminger ou Wayne Shorter.

O veterano Drew Gress vem sendo desde os inícios dos anos 1990 um dos contrabaixistas mais requisitados do jazz a nível mundial, podendo ser ouvido em dezenas de discos, acompanhando nomes como John Abercrombie, Dave Douglas, Steve Lehman, Tim Berne, Uri Caine, Tony Malaby, entre muitos outros.



SEAMUS BLAKE & JOE SANDERS «INFINITY»

21 de outubro, quinta-feira, 22 horas

Seamus Blake – saxofone

Joe Sanders – contrabaixo

Greg Hutchinson – bateria

Logan Richardson – saxofone

O saxofonista e compositor Seamus Blake é considerado um dos expoentes máximos do jazz da atualidade. John Scofield, que o convidou para integrar a Quiet Band, referiu-se-lhe como «um saxofonista extraordinário e completo». Ao longo de 24 anos de carreira, Seamus recebeu diversos elogios pelas suas atuações magistrais e pelas suas capacidades enquanto compositor.

Seamus Blake nasceu em dezembro de 1970, em Inglaterra, e cresceu em Vancouver, no Canadá. Aos 21 anos, enquanto ainda estudava na prestigiada Berklee College of Music, em Boston, foi convidado para gravar com o lendário baterista Victor Lewis. Após a sua formação, mudou-se para Nova Iorque, nos Estados Unidos da América, onde rapidamente se estabeleceu na cena de jazz nova-iorquina. Em fevereiro de 2002, o saxofonista venceu o Thelonious Monk International Jazz Saxophone Competition, em Washington D.C e, na qualidade de vencedor, teve a oportunidade de tocar com Wayne Shorter e Herbie Hancock.



MELISSA ALDANA QUARTET

22 de outubro, sexta-feira, 22 horas

Melissa Aldana – saxofone
Pablo Menares – contrabaixo
Kush Abadey – bateria
Mike Moreno – guitarra

No seu primeiro trabalho em quarteto, «Visions», a galardoada saxofonista Melissa Aldana estabelece como ponto de partida o legado dos artistas latinos que a antecederam para criar um caminho para a sua própria expressão.

Inspirada pelo trabalho e pelo legado de Frida Kahlo, Aldana cria um paralelismo entre a sua experiência enquanto mulher saxofonista numa comunidade dominada pelos homens e a experiência de Kahlo enquanto mulher artista plástica, trabalhando para se afirmar num meio predominantemente masculino.

A saxofonista nasceu em Santiago, no Chile, e começou a tocar saxofone aos seis anos de idade, tendo como mentor o seu pai, Marcos Aldana, também ele um saxofonista profissional. Após a conclusão da sua formação, em 2009, mudou-se para Nova Iorque, nos Estados Unidos da América, para estudar com George Coleman. No ano seguinte, gravou o seu primeiro álbum, «Free Fall», sob a chancela de Greg Osby's Inner Circle Music. Nesta altura atuou no Blue Note Jazz Club e no Monterey Jazz Festival. O seu segundo álbum, «Second Cycle», foi lançado em 2012.

Em 2013, aos 24 anos de idade, foi a primeira mulher e a primeira artista sul-americana a ganhar o Thelonious Monk International Jazz Saxophone Competition, no qual o seu pai tinha sido semifinalista, em 1991. O prémio foi uma bolsa de estudo no valor de 25 mil dólares e um contrato com a Concord Jazz. Acerca da sua vitória, o jornal Washington Post referiu-se a Aldana como representante «de um novo campo de possibilidades e de rumo para o jazz».



THE TRIO FEATURING TED NASH, STEVE CARDENAS & BEN ALLISON

23 de outubro, sábado, 22 horas

Ted Nash – saxofone e clarinete

Steve Cardenas – guitarra

Ben Allison – contrabaixo

O trio inspira-se no modelo criado pelo instrumentista de sopro e compositor Jimmy Giuffre nas décadas de 1950 e 1960, caracterizado pela ausência da bateria. Com arranjos e composições da autoria de Ben, Ted e Steve, o trio lançou dois álbuns, «Quiet Revolution» (2018, Sonic Camera) e «Somewhere Else – West Side Story Songs» (2019, Plastic Sax).

Ted Nash nasceu em Los Angeles, nos Estados Unidos da América, e tem uma carreira extraordinária como músico, maestro, compositor, arranjador e pedagogo. Em 2017, recebeu o Prémio de Compositor do Ano que lhe foi atribuído pela Associação de Jornalistas de Jazz e dois prémios Grammy por aquele que é considerado, até agora, o trabalho mais relevante da sua carreira, «Presidential Suite», inspirado em alguns dos mais importantes discursos políticos proferidos durante o século XX.

Nascido em New Haven, no Connecticut, nos Estados Unidos da América, e com uma carreira de mais de 30 anos, o contrabaixista e compositor Ben Allison desenvolveu uma sonoridade muito característica, que facilmente o identifica e que lhe confere uma reputação internacional e um papel de destaque entre os músicos da sua geração.

O guitarrista Steve Cardenas iniciou a sua carreira musical em Kansas City, nos Estados Unidos da América. Tocou e gravou com alguns dos músicos mais conhecidos e prestigiados e atualmente faz parte da banda Ben Allison and Think Free, do quarteto John Patitucci Electric Guitar e dos projetos de Jon Cowherd Mercy e de Adam Nussbaum Lead Belly. Como líder da sua própria banda, mantém a atividade do seu trio, com o qual já gravou quatro álbuns.

ESPAÇOS SEIXALJAZZ

Espaço Jazz

Área reservada à venda de todos os materiais de representação do festival, bem como de CD e outros materiais das formações que participam nesta edição e funcionará entre as 21 e as 24 horas.

Momentos SeixalJazz

Todas as noites estará disponível um número limitado e numerado de fotografias das atuações, que podem ser adquiridas pelo público interessado.

Este espaço funcionará no foyer do auditório, no final dos espetáculos e com delimitação própria, cumprindo o distanciamento obrigatório e de acordo com as normas da DGS.

Estas sessões estão sujeitas à disponibilidade dos artistas e terão uma duração máxima de 15 minutos.

BILHETEIRA

Em ticketline.pt e nos locais habituais.

Bilhete único: 12 euros

Bilhete duplo: 24 euros

Desconto de 25 % para jovens até aos 25 anos, reformados e funcionários das autarquias do Seixal.

Assinatura de bilhete único: 70 euros (7 dias)

Assinatura de bilhete duplo: 140 euros (7 dias)

A bilheteira do auditório abre 1.30 horas antes de qualquer espetáculo e encerra 15 minutos após o seu início. No balcão de informações da Biblioteca Municipal do Seixal, de terça a sexta-feira, das 10 às 19 horas, e sábados, das 14.30 às 19 horas.

Reservas/informações

Ticketline: Ligue 1820 (24 horas) –

A partir do estrangeiro ligue

+351 217 941 400.

HISTORIAL

O Seixal assume-se como um concelho que aposta num programa cultural de qualidade. O SeixalJazz é um dos exemplos. Atualmente, este evento é uma referência incontornável no panorama nacional de festivais e encontros desta área da música, apresentado um elevado padrão de qualidade que já cativou um público próprio e procura agora não só mantê-lo como atrair apreciadores de outras áreas musicais.

Em meados da década de 1990, a Câmara Municipal do Seixal decidiu apostar numa iniciativa que colocasse o concelho no roteiro cultural da Área Metropolitana de Lisboa, e que a médio prazo se pudesse tornar uma referência no país. O objetivo era claro: criar uma nova centralidade, tendo em conta o Fórum Cultural, recentemente inaugurado, e dar visibilidade à intensa atividade cultural desenvolvida pela autarquia.

Mas a forte oferta que chegava de Lisboa tornava a tarefa no mínimo difícil. Só um acontecimento «fora de série» e com grande qualidade artística poderia conquistar espaço na programação da área metropolitana.

Após contacto com o produtor Paulo Gil, foi sugerida a produção de um festival de jazz diferente de tudo o que se tinha feito em Portugal até então. Foram os primeiros passos do SeixalJazz.

Quando em 1996 a Câmara Municipal do Seixal tornou público o programa do primeiro SeixalJazz, a reação da crítica foi positiva mas cautelosa. Até então nunca nenhuma autarquia em Portugal tinha apresentado um festival tão ambicioso.

Do cartaz de estreia faziam parte alguns dos maiores nomes do jazz mundial: John Abercrombie, Dave Holland, Jack DeJohnette, Steve Coleman, John Scofield, Michael Brecker e os portugueses Laurent Filipe e Carlos Barreto.

Mas não foi só o ambicioso programa que causou surpresa. O modelo também foi novidade. No SeixalJazz, cada grupo atuava duas vezes por noite – às 21.30 horas e às 23.30 horas – um conceito novo nos festivais portugueses, e bastante elogiado.

Outro dos atrativos foi o preço dos bilhetes, muito abaixo da tabela, e com descontos consideráveis para jovens. As atividades paralelas, em que se incluíram exposições, feiras de discos e workshops, fizeram com que durante uma semana o Seixal se tornasse na capital do jazz em Portugal.

Apesar de tudo, persistia uma dúvida: seria possível manter um nível tão elevado nas edições seguintes? Dúvida essa que foi dissipada no final do verão de 1997, quando a câmara municipal apresentou a segunda edição do SeixalJazz. Benny Golson, Bob Nieske, Kenny Garret, Bernardo Sasseti, Carlos Martins, Joe Lovano, Billy Kilson e Larry Coryell, formaram um cartaz de luxo. Apenas com dois anos de existência, o SeixalJazz voltava a surpreender pela positiva. No final desta segunda edição até os mais céticos começaram a acreditar que o Seixal se iria impor como uma referência no panorama dos festivais nacionais.

Em 1998, voltou a apostar-se em nomes consagrados. Chick Corea, John McLaughlin, Brad Mehldau, Tomás Pimentel, Danilo Perez, Ravi Coltrane e Chico Freeman compuseram um dos melhores programas da história do SeixalJazz. Com apenas três anos de existência e experiência, o «jovem» festival era aclamado pela crítica, e comparado aos melhores festivais da Europa. A partir de então, em outubro, o Seixal passou a ser local de passagem obrigatória para todos os amantes do jazz. Depois do êxito de 1998, criou-se uma enorme expectativa em relação à edição de 1999. Tudo levava a crer que seria o ano da consagração. E assim foi.

Assistiram aos espetáculos mais de sete mil pessoas, um número impressionante para um festival que ia na sua quarta edição.

Nesta altura juntar na mesma semana, no mesmo palco, nomes como Joe Lovano, Jim Hall, Dave Holland, Cindy Blackman, John Patitucci, Myra Melford e Carlos Bica já não era surpresa para ninguém. Era apenas SeixalJazz.

Em 2000, o festival tornara-se já uma referência cultural incontornável. Ironicamente foi nesse mesmo ano que perdeu o apoio do Ministério da Cultura. Numa decisão polémica, o ministro José Sampaio cortou o subsídio estatal, argumentando com o «excesso de projetos» e as «dificuldades orçamentais». Apesar deste revés, a autarquia conseguiu manter a qualidade dos anos anteriores. Em 2000 passaram pelo palco do Fórum Cultural do Seixal Mark Shim, Stefon Harris, Santi Debriano, Maria João e Mário Laginha e Paul Motian.

O SeixalJazz 2001 fica marcado pelo início do SeixalJazz Clube (SJC), um espaço localizado na antiga fábrica Mundet, em que se recriou um antigo clube de jazz. No palco do SJC, atuaram mais de uma dezena de músicos portugueses. Passou a ser um ponto de encontro entre o público do festival. Dave Douglas, Carla Cook, René Marie, Abraham Burton, Sam Rivers, Tom Varner, Fredie Hubbard e os guitarristas portugueses Mário Delgado e Nuno Ferreira, com o projeto Filactera, completaram o programa principal.

Em 2002, e devido às fortes restrições financeiras de que foram alvo as autarquias e à falta de apoio do Estado, a câmara municipal teve de fazer uma opção difícil: manter o festival, baixando a qualidade do programa, ou passar a fazer o SeixalJazz de dois em dois anos, mantendo a qualidade a que habituou o seu público. Preferiu-se a segunda hipótese e a sétima edição ficou agendada para 2003.

Em outubro de 2003, o jazz regressou ao Seixal. E apesar dos receios de que o festival pudesse baixar de qualidade, tal não aconteceu. Jason Moran, Sam Rivers, Kenny Werner, Ted Nash, The Schulldogs, Andrew Hill e o guitarrista português Pedro Madaleno foram os cabeças de cartaz de um festival que mais uma vez se apresentava acima da média. Importa ainda referir que o SeixalJazz Clube recebeu nomes consagrados como Carlos Barretto, Mário Delgado, José Salgueiro, Zé Soares, Massimo Cavalli, Guto Lucena, Filipe Melo, Nelson Cascais e Nuno Ferreira. Um programa paralelo que reuniu na Mundet muito público.

A edição de 2005 do SeixalJazz apostou em nomes menos conhecidos, mas que a crítica considera como sonantes para o futuro. O Auditório Municipal recebeu, ao longo de seis noites, a música de Wayne Escoffery Quintet, Quinteto Laurent Filipe, Kurt Rosenwinkel Quintet, David Binney Sextet, Miguel Zénon Quartet e Mike Fahn & Mary Ann McSweeney Quintet, enquanto que pelo palco do SeixalJazz Clube passaram algumas das melhores formações jazzísticas nacionais.

Entre as iniciativas paralelas, destaque para a exposição CF051Ks, uma mostra sobre os quatro anos da Editora Clean Feed, o Workshop de Saxofone realizado pelo saxofonista e compositor George Garzone, o lançamento do livro Jazz com fotografias, de Rosa Reis, e O SeixalJazz Vai à Escola, iniciativa em estreia nesta edição, constituída por sessões pedagógicas de divulgação do jazz nas escolas nas quais os alunos puderam aprender e experimentar este estilo musical.

Depois de 2 anos de ausência, o SeixalJazz voltou em força em 2008, com um programa de referência. O contrabaixista britânico Dave Holland abriu esta edição, que contou também com a presença de Cindy Blackman Quartet, The Leaders e Guy Barker Jazz Orchestra. Pelo palco do SeixalJazz Clube passaram nomes como Marta Hugon Quarteto, Escola Moderna de Jazz do Seixal, Ridd Quartet, The Electrics, BRP (Inglaterra) e The Fringe.

Em 2009, assinalou-se a 10.^a edição do festival que voltou a ser um grande sucesso e que contou com a presença de alguns artistas já conhecidos do SeixalJazz, tais como Joe Lovano, que subiu ao palco com o quinteto US Five, Kenny Werner; a Mingus Big Bang e o George Colligan Trio.

Charlie Haden, Dave Holland, Steve Wilson, David Murray com o octeto de Odean Pope, Ken Vandermark, Tony Malaby, Carlos Barretto, Júlio Resende, João Firmino, João Paulo e David Ferreira lideraram os grupos que atuaram na 11.^a edição do Festival Internacional SeixalJazz, em 2010. O Auditório Municipal do Seixal e o SeixalJazz Clube receberam 15 concertos em 10 noites com alguns dos nomes mais importantes do jazz atual, tanto a nível interno como no panorama internacional.

Em 2011, nomes emergentes do panorama nacional e internacional cruzaram-se com músicos conceituados no palco instalado nos antigos refeitórios da Mundet, confirmando o SeixalJazz como evento único de aposta no jazz de vanguarda e no cruzamento das linguagens musicais europeias e norte-americanas. Houve casa cheia em todos os concertos e viveu-se um espírito de clube de jazz, transformando aquele emblemático espaço num palco privilegiado para a boa música e convívio animado. Ches Smith' These Arches, Carlos Bica Azul, Paradoxical Frog, Hugo Carvalhais Quarteto e os L.U.M.E (Lisbon Underground Music Ensemble) foram os grupos que subiram ao palco neste ano.

Em 2012, a 13.^a edição do Festival Internacional SeixalJazz contou com um cartaz que levou ao Auditório Municipal, de 24 a 27 de outubro, os portugueses Jazzafari Unit, o quarteto liderado pelos americanos Ray Anderson e Marty Ehrlich, a multinacional Tora Tora Big Band, com a participação especial de Mariana Norton, e o sexteto nórdico Angles. Durante o festival decorreram também diversas atividades paralelas ao cartaz: uma exposição sobre o jazz nas coletividades do concelho nos anos 1950 e 1960, espaços reservados à venda de discos e materiais promocionais, bem como uma área reservada ao contacto mais próximo com os músicos.

A 14.^a edição do Festival Internacional SeixalJazz decorreu nos dias 17, 23, 24, 25, 26 e 29 de outubro de 2013, no Auditório Municipal. A apresentação do festival teve lugar no dia 17 de outubro, com a estreia do documentário «A Tensão Jazz», da autoria do realizador Paulo Seabra e do crítico de jazz Rui Neves, seguida de um concerto com o pianista argentino Pablo Lapidusas. Neste ano subiram ao palco o projeto do saxofonista americano Tim Berne, que regressou ao SeixalJazz como líder para apresentar Snakeoil, considerado um dos melhores registos discográficos de 2012, editado pela etiqueta alemã ECM; The Mingus Project, coletivo português, liderado pelo contrabaixista Nelson Cascais; o alemão Joachim Kühn, pianista intimamente ligado ao jazz francês, apresentou-se em trio e o encerramento coube a Donny McCaslin Quartet, Casting for Gravity, considerado uma das novas tendências do jazz americano.

Em 2014, os trios liderados por Craig Taborn, Mário Laginha, Louis Sclavis, Carlos Barretto e o quinteto de Ambrose Akinmusire foram as formações que subiram ao palco do Auditório Municipal para celebrar a música e o jazz no ano em que o festival atingiu a marca assinalável das 15 edições.

O SeixalJazz de 2015 apresentou um cartaz multifacetado e marcado pelo cruzamento improvável de várias linguagens jazzísticas. Pela primeira vez, o festival recebeu um concerto de jazz manouche, protagonizado pelo trio do holandês Paulus Schäfer. O gypsy jazz deste exímio guitarrista, em estreia em Portugal, abriu de forma inédita o SeixalJazz e trouxe ao Auditório Municipal do Seixal o estilo jazzístico introduzido por Django Reinhardt na década de 1930. Pelo palco passaram ainda nomes como Carlos Bica e o seu Trio Azul; o quarteto do saxofonista Jerome Sabbagh; o jazz nacional pelo saxofonista Rodrigo Amado e o seu Motion Trio e, a finalizar esta edição, outro saxofonista ilustre, o norte-americano Gary Bartz, com o seu quarteto.

No ano seguinte, 2016, o SeixalJazz voltou a ser um sucesso. A 17.^a edição contou no seu primeiro dia com a atuação do quinteto do argentino Dino Saluzzi, uma estreia em Portugal Continental. No dia seguinte, 22 de outubro, o palco pertenceu à saxofonista Mette Henriette, com o seu trio. A jovem norueguesa foi considerada a grande revelação de 2015 e as suas composições e interpretações colocam-na nas áreas da música improvisada próximas da música de câmara ou do abstracionismo. A 28 de outubro, o jazz foi em português, com o quinteto do trompetista Gonçalo Marques, um músico em merecida e reconhecida ascensão, professor da Escola de Jazz do Hot Club de Portugal. Já a 27 de outubro, foi a vez do quarteto de Hugo Carvalhais, com o Projecto Grand Valis. Ricardo Toscano, saxofonista do concelho, subiu ao palco no dia seguinte, apresentando-se com o seu quarteto. Com vários prémios ganhos, foi considerado o melhor músico nacional em 2015, com apenas 22 anos. A finalizar esta edição do SeixalJazz, ouviram-se no auditório os sons dos saxofones do norte-americano Colin Stetson. A sua música é difícil de classificar, atravessando os domínios da livre improvisação e da chamada música indie.

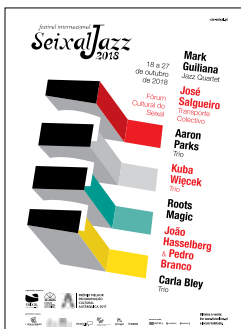
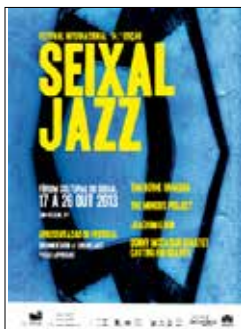
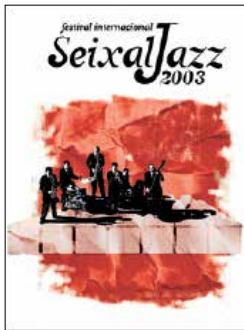
A 18.^a edição do SeixalJazz decorreu de 19 a 28 de outubro de 2017 e pelo palco do auditório do Fórum Cultural do Seixal passou o quinteto de Wolfgang Muthspiel, que abriu esta edição, seguindo-se o projeto Slow Is Possible, Michaël Attias e o seu quarteto, o quinteto de João Barradas, o quarteto de Dominique Pifarély e a terminar, o incontornável nome do jazz Lee Konitz. Neste ano esteve de volta o Seixajazz Clube que funcionou no espaço da Mundet Factory, com seis noites de formações nacionais. Ricardo Toscano Trio, Volúpia das Cinzas e The Rite of Trio foram os escolhidos para o programa do SeixalJazz Clube.

Em 2018 teve lugar a 19.^a edição do Festival Internacional SeixalJazz que decorreu de 18 a 27 de outubro, com um cartaz de novos talentos e respeitados mestres do jazz. Andy Sheppard, Mark Guiliana, José Salgueiro, Aaron Parks, Kuba Więcek, Roots Magic e João Hasselberg com Pedro Branco lideraram as formações que trouxeram os sons do improviso até à Margem Sul. Neste ano, o SeixalJazz Clube estreou-se num novo espaço da antiga corticeira Mundet: o Armazém 56 – Arte Sx, com um programa composto por quatro formações nacionais.

No ano seguinte, 2019, o SeixalJazz comemorou as suas vinte edições com um programa muito variado, que incluiu a participação do trio do americano Kenny Barron, do projeto a quatro do português César Cardoso, do quarteto do guitarrista Peter Bernstein, de Ralph Towner acompanhado das suas guitarras de 6 e 12 cordas, dos polacos Wojtek Mazolewski Quintet, da nova geração representada pelo Ricardo Toscano Trio feat Ali Jackson e da orquestra liderada pelo pianista John Beasley, num tributo claro ao norte-americano Thelonious Monk. Nesse ano, o o SeixalJazz Clube decorreu mais uma vez no Armazém 56 – Arte Sx, na antiga fábrica corticeira Mundet, e contou com um programa composto por seis formações: o Frágil Quinteto, o Daniel Neto Quinteto, o Miguel Rodrigues Trio, o Trio NoA, o Indra Trio e o Jeffery Davis Quintet.

A 21.^a edição do SeixalJazz realizou-se entre 15 e 24 de outubro de 2020, com um cartaz exclusivamente com projetos portugueses. Apesar da pandemia, o SeixalJazz foi um sucesso e contou na primeira semana com a participação do Sexteto de Jazz de Lisboa, com Mário Laginha, Francisco Brito, Mário Barreiros, Edgar Caramelo, Ricardo Toscano e Tomás Pimentel, do trio de André Rosinha para apresentar «Árvore», o novo disco do contrabaixista, lançado em dezembro de 2019 e que mereceu classificação «5 estrelas» pela prestigiada «Jazz.pt», e do trio TGB, formado em 2003, com Sérgio Carolino, Mário Delgado e Alexandre Frazão. Na segunda semana subiram ao palco o trio que juntou Eduardo Raon, na harpa, Luís Figueiredo, no piano, e João Hasselberg, no contrabaixo, para apresentar o disco «This Was What Will Be», uma edição de autor de abril de 2020; o projeto LAB, coliderado pelos músicos Ricardo Pinheiro (guitarra) e Miguel Amado (baixo elétrico); o quinteto da pianista Isabel Rato, um dos nomes femininos mais destacados da nova geração do jazz nacional e ainda o Quarteto de Eduardo Cardinho.

OS CARTAZES SEIXALJAZZ





organização / produção



patrocínios / apoios



A.M. Gonçalves II



Entidade Regional de Turismo
da Região de Lisboa

parceiros media

